

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 178	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3880	18900	8050	8120	1 DE DEZEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LOBETO, ENFRENDA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas (idem)	48000	28000	11000	11000		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios)	58000	28500	11500	11500		
Brazil (moeda fraca)	158000	78500	31000	31000		

CHRONICA OCCIDENTAL

O *Diario do Governo* publicou ha dias uma portaria do ministro da marinha, louvando o governador d'Angola, o sr. Amaral, pela tomada de Kacongo, realisada pacificamente, e com o melhor exito pelo sr. Brito Capello, commandante da corveta *Rainha de Portugal*, cujo regresso a Loanda deve ter sido saudado ruidosamente, com todas as honras devidas ao enorme serviço que elle acaba de fazer ao nosso paiz.

A tomada de Kacongo é realmente um facto importantissimo para a nossa vida colonial, e ao mesmo tempo que nos dá o dominio de mais um ponto importante na Africa Occidental, mostra claramente, triumphantemente, o prestigio que tem ainda em toda a Africa o nome portuguez, prestigio que é a mais eloquente resposta ás calumnias assacadas pelos estrangeiros ácerca da colonisação africana.

O sr. Brito Capello tomou posse de Kacongo sem uma violencia sequer, sem um protesto e pelo contrario com regosijo e alegria do indigena, que estima e respeita o nome portuguez; como se explica esta attitude do indigena africano para com os portuguezes, comparada com a repugnancia, que se traduz em protestos e em resistencias mais ou menos energicas contra os estrangeiros que lhe querem occupar os seus territorios?

Explica-se pela sympathia que o indigena tem pelo portuguez, sympathia, que vem, de ser por elle bem tratado, muito mais bem tratado que pelos outros colonos, o que vale por todas as longas respostas, que por ventura se dessem ás accusações de tyrannia para com os negros, que os inglezes nos fazem.

O facto da tomada de Kacongo, tem por tanto, o valor geographico de mais um ponto importante que se abre á exploração portugueza, o valor moral de uma prova evidentissima de quanto o portuguez é estimado e querido pelo africano, prova que contém em si outra prova tambem — a do modo como o portuguez trata o indigena de Africa.

São, pois, justissimos os louvores que o governo dirige ao sr. Amaral, governador geral d'Angola, em nome de quem se tomou posse de Kacongo, e ao sr. Brito Capello que tão habilmente se desempenhou d'essa missão, e n'esses portarias elogiosas o governo foi perfeitamente o interprete do sentimento nacional, o que infelizmente nem sempre é.

Lemos ha dias nos jornaes de Lisboa uma noticia que nos

impressionou agradavelmente e que em vez de ser lida nos noticiarios de hoje nos pareceu arrancada ás paginas singelissimas e commoventes da vida do fr. Bartholomeu dos Martyres.

E abordamos sem a mais ligeira hesitação este assumpto, porque não tememos que nos possam lançar a accusação de reaccionarios, e por que temos acima de tudo a sinceridade da nossa admiração por tudo que é bello, que é justo, que é grande.

A noticia a que nos referimós dizia respeito ao novo cardeal patriarcha de Lisboa, e faz a maior honra a este prelado: é uma lição de humildade, de caridade christã, de humanitarismo em summa,

— porque se trata da ultima vontade de um moribundo — que ha muito tempo não costuma sair das *Selectas* para passeiar pelas ruas de Lisboa.

O sr. Patriarcha de Lisboa estando ha noites a ouvir tocar havia muito tempo já o sino de S. Vicente de Fóra, perguntou para que era aquelle toque.

— É para levar o viatico a um enfermo, responderam-lhe.

E os toques continuaram.

— Mas porque está a tocar ha tanto tempo? perguntou o patriarcha.

— É porque ainda não está na igreja nenhum sacerdote para levar o viatico, nem appareceu ainda.

O patriarcha não disse nada. Levantou-se, desceu á igreja, paramentou-se á pressa, e pegando no viatico, foi levar-o áquelle que estava para morrer e que esperava ancioso e agonisante a visita do seu Deus como a ultima alegria e a ultima esperanza.

Pomos de parte aqui todos os commentarios do beaterio. Vemos simplesmente um homem que vae morrer e que tem uma esperanza suprema; e vemos um cardeal que se esquece de toda a pragmatica, que dispensa todas as honras do seu cargo, para satisfazer a vontade de um moribundo, para levar o Deus de quem é ministro a um christão que vae morrer.

Não conhecemos, nem de vista sequer o Patriarcha de Lisboa, não pretendemos lisongeal-o, não fazemos politica de sachristia não entramos para os coros da reacção.

Encontramos um acto, digno, honroso, grande, um acto nada vulgar nos tempos de egoismo commodista e de vaidades óccas que vão correndo, e registamol-o com louvor.

Não sabemos que facção ultramontana o cardeal patriarcha de Lisboa representa, nem queremos sabel-o, o que sabemos é que o acto de Sua Eminencia representa um bello coração, uma alma lavada de prosapias, um espirito illuminado pela consciencia dos seus altos deveres; é o que nos basta para o louvar, é por isso que o louvamos.

Temos ha muito tempo em nosso poder uma memoria que nos interessa particularmente pelo assumpto de que trata larga e proficientemente: é a memoria ácerca do ensino das artes scenicas, escripta e lida pelo sr. Luiz Augusto Palmeirim, illustre director do conservatorio real de Lisboa, na sessão solemne do mesmo conservatorio em 5 de outubro ultimo.

Temos lido com toda a at-



COSTUMES PORTUGUEZES — MULHER DO ALTO MINHO

(Desenho de M. de Macedo)

tenção que nos merecem o assumpto da memoria e o auctor d'ella, esse interessante estudo sobre o ensino da musica e da arte dramatica em Portugal, e de accordo em muitos pontos com o illustre director do conservatorio, discordamos, com tudo, d'elle em alguns outros, especialmente nos que se referem ao ensino da arte dramatica, ao methodo do sr. Duarte de Sá, e ainda a phrase pelo sr. Palmeirim tão combatida de *fazer actores*.

Não temos espaço nem tempo hoje para fazer uma analyse detida d'essa interessante memoria, tanto mais quanto, necessitamos fundamentar o nosso desaccordo e dizermos amplamente as razões porque divergimos d'algumas das opiniões do sr. Palmeirim, acerca do ensino da arte dramatica.

Esperamos, porém, poder o fazer em breve, e juntamente darmos tambem noticia desenvolvida d'uns livros brasileiros que ha muito temos em nosso poder e de outros portuguezes, que ultimamente temos recebido.

No theatro de S. Carlos cantou-se ha noites a *Africana*.

Estes cinco actos de Mayerbeer foram o primeiro acto da administração do governo.

Ou antes, não o foram, mas o publico tomou-os como tal e fez ao desempenho e á mise-en-scene da *Africana* uma festa como ultimamente nunca fez as mise-en-scenes e desempenhos das peças montadas pela empresa Freitas Brito.

E entretanto todos os applausos que saudaram o desempenho da *Africana* recahiram n'essa empresa, tão guerreada; porque todos os cantores que desempenharam a *Africana* foram escripturados por essa empresa, e por essa empresa foi a opera escolhida, distribuida e posta em ensaios.

Mas era já de ha muito uma questão de habito achar mau tudo o que fazia a empresa de S. Carlos; a reacção havia de se dar fatalmente e deu-se.

A empresa é morta, viva a nova empresa. D'antes era tudo mau, agora é tudo bom, e nos applausos á *Africana*, nos elogios enormes que festejaram a sua reaparição e seu desempenho, havia tanto mais *entrain* quanto esses louvores á primeira opera posta pela nova administração, se deviam transformar um pouco em censura á administração que passou.

E na sua pressa de applaudir essa nova administração, o publico nem sequer reparou que applaudia simplesmente aquella que tanto agredira e que mesmo agora pensava em patear de recochete.

Porque, diga-se a verdade toda no grande successo feito agora á *Africana* ha um bocadinho de exagero, como bocadinhos de exagero houve em alguns fiascos feitos a outras peças.

O desempenho da *Africana* é esplendido apenas por parte da sr.^a Borghi-Mamo, que no personagem de Selika se ergueu ás grandes alturas em que estavamos costumados a admirar nas épocas anteriores, e que nem no *Roberto* nem nos *Huguenottes* attingira ainda n'este anno; é excellente por parte do barytono Dovoyod, que se nos não assombrou com maravilhas no Nolsko, com as maravilhas com que nos assombrara no Valentin do *Fausto*, foi correctissimo e distincto, como não podia deixar de ser um artista do seu elevado merecimento; mas o resto da execução se satisfiz aqui e ali, deixou muito a desejar, como por exemplo o sr. Ortisi que cantando esplendidamente o duo do quarto acto, esse duo que disputa primoros com o celebre duo de Raul e Valentina, teve muitas hesitações e incorrecções no resto da opera, não pensando um minuto se quer na interpretação dramatica da figura do ousado navegador quer Vasco da Gama, como o fez Scribe, quer Guido d'Azesso como o fez o sr. Andrade Ferreira, — se bem nos lembramos; — como por exemplo a sr.^a Bellincioni que se salvou no papel de Ignez pela sua formosura e pela sua gentileza, dos perigos em que a collocava a falta de recursos vocaes e artisticos para aquelle papel.

O conjunto do desempenho, esse foi bom, a opera estava bem ensaiada, e isso juntamente com a boa vontade do publico, e com o colossal talento de Borghi-Mamo irradiando em plena luz, fizeram o successo tão fallado, e em parte bastante merecido.

E a respeito da empresa do sr. Freitas Brito temos o fazer uma rectificação á nossa ultima chronica: o sr. Freitas Brito não falliu, rescindiu o seu contracto com o governo, sujeitando á perda do deposito, o que não é precisamente e commercialmente a mesma coisa.

A noticia da fallencia correu effectivamente em

Lisboa, chegou a apparecer em alguns jornaes, mas não se realizou. Antes assim!

E agora, permittam-se nos mais umas considerações acerca da administração do governo no theatro de S. Carlos.

Depois da nossa ultima chronica lemos em varios jornaes, que essa administração não seria tão transitoria como a nós se nos afigurára, que o governo tencionava ainda explorar o theatro de S. Carlos na epoca de 1884 a 1885, a titulo de experiencia, para depois continuar a fazer theatro por sua conta, ou pôl-o a concurso segundo essa experiencia lhe aconselhasse.

Não sabemos o que ha de verdade n'essa noticia, mas se realmente o governo tomando o theatro de S. Carlos teve em vista outra cousa que não fosse garantir as escripturas aos cantores para não abalar no mundo lyrico os creditos de S. Carlos de Lisboa para as futuras épocas, não fechar o primeiro theatro de Lisboa em plena estação theatral, e remediar em summa o desastre da empresa, o caso muda muito de figura.

Desde o momento em que o governo tome a administração do theatro de S. Carlos para experiencia, como dizem os noticiarios, então são outras as suas responsabilidades de empresario, e desde que elle se metta voluntariamente n'isso, nós temos todo o direito a exigir da sua administração o que se deve exigir d'uma administração exclusivamente artistica, porque não passará pela cabeça de ninguem que o governo tome o theatro de S. Carlos para ganhar dinheiro, ou para divertir as familias ricas de Lisboa.

Ha só um motivo que pôde — que deve, quando as circumstancias financeiras o permittem — levar um governo a tomar a exploração do theatro lyrico — é o fazer arte.

Desde esse momento o theatro é alguma coisa mais que uma casa de espectaculos para o publico se divertir, para certo grupo da sociedade matar as noites, é uma academia de musica, é uma escola que tem por fim instruir o publico, e levantar o nivel do paiz.

Desde esse momento a administração do governo tem a obrigação restricta de fazer arte a sério no theatro de S. Carlos, de encaixotar nos seus bahuas essas estafadas operas italianas que nos adormecem todos annos e de ir buscar lá fóra, a todos os paizes as suas grandes obras primas, para que o publico conheça, ouça e estude os mestres consagrados, e tambem as ultimas produções mais notaveis, para que o publico se ponha ao facto do movimento musical moderno.

Porque, se é vergonhoso que tendo Lisboa um theatro subsidiado, só no anno passado o *Lohengrin* fosse uma novidade para nós, de Gounod só tenhamos ouvido o *Fausto*, e de Massenet, de Saint Saens, de Leo Delebes, de V. Macé, de Salvayre, de Jónicières, e de outros só conhecemos os nomes pelas chronicas musicaes é de todo o ponto inadmissivel que o governo vá gastar contos e contos de réis no theatro de S. Carlos, para que esta ignorancia persista, e o gosto musical dos lisboetas se continue a alimentar de *Trovadores*, de *Lucrecias*, de *Faustos* e de *Lucias*.

É necessario que desde que o governo se resolve a tomar o theatro, esse theatro abra de par em par as suas portas a todas as operas nacionaes, que os nossos compositores encontrem alli todos os elementos de que careçam para montar as suas obras, é necessario que o publico conheça o que essas obras valem, e os auctores o que o publico pensa d'ellas; é necessario que na escola dos artistas haja o mais apurado bom gosto, e o mais moderno criterio do que vem a ser hoje o *cantor d'opera*; que nas *mise-en-scenes* se siga o mais de perto possivel todos os melhoramentos e todos os processos novos da arte theatral moderna: é necessario em summa que o theatro de S. Carlos seja um theatro escola, theatro modelo, é necessario gastar n'elle rios de dinheiro, que só assim justificariam o seu emprego.

O governo está disposto a isto? Pode fazel-o? Deve-o fazer no momento actual, quando o theatro normal está entregue á exploração particular, e as bellas artes vivem a vida atribulada e difficil que todos sabemos e que as nossas exposições e os nossos museus se encarreguem de pôr em evidencia?

Não nos parece muito difficil a resposta, entretanto se lhe passar pelo espirito esta phantasia de nababo, então que o faça a sério, que o faça como deve ser, e só assim poderá justificar-se o sacrificio fatalmente enorme do theatro, e só assim no fim de contas se justificaria o proprio subsidio dado até hoje ao theatro italiano.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

MULHER DO ALTO MINHO

Com a saia farta e muito rodada, ornada de uma larga facha escura, avental de côr, tambem terminado por uma facha ainda mais larga, chinela de bico, colete enfeitado de botõesinhos miudos, lenço deitado pelas espaldas cujas pontas se vem cruzar no peito, e sobre o qual se voltam em torno do pescoço os folhos que guarnecem o cabeção da camisa de linho ou estopa, e alguns collares ou cordões donde pendem um coração, uma cruz ou outras medalhas, caminha para o mercado ou para a feira a joven aldeã. Sobre o lenço que apenas cobre o alto e a parte posterior da cabeça pousa a sogra ou rodilha em que assenta o canastrel, onde leva o que ha-de ir vender. As mangas arregaçadas deixam ver dois braços roliços mas alvos, e por entre a saia e o collete espipa na cinta um refego da camisa. Sem perder tempo para o trabalho vae fiando a sua rocada de linho, e quando voltar a casa terá feito algum negocio, e trará meia duzia de massarocas para acrescentar á teia do anno.

É um traje pittoresco, como todos os do nosso Minho e Beira, que o lapis de Manoel de Macedo teve a descripção de copiar do natural.

O CONSELHEIRO

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUSA

Presidente da provincia da Bahia

Até ha pouco as assembleias provinciaes do Brazil tinham por habito lançar tributos sobre os generos de importação, apesar da constituição do imperio lh'o prohibir expressamente e não hesitavam sequer um momento n'essa illegalidade para fazerem face aos desequilibrios dos seus orçamentos. Os presidentes das provincias e os ministros pouca importancia ligavam aos desmandos das assembleias e não lhes faziam a menor opposição, de sorte que o commercio via-se d'essa forma obrigado a pagar não só os impostos geraes mas tambem os provinciaes, que augmentavam de anno para anno, á medida que os esbanjamentos augmentavam tambem e que depois deviam desaparecer á *outrance* nos orçamentos, graças ao dinheiro que as assembleias iam buscar, illegal e vexatoriamente á algibeira do contribuinte.

Este abuso iniquo das assembleias, tolerado escandalosamente pela fraqueza dos presidentes das provincias, conduziria decerto a uma critica situação o commercio brasileiro, subcarregado de direitos enormes, se não houvesse algum funcionario digno e honesto que ousasse romper de vez com essa medida escandalosa que procurava, n'um precedente abusivo, o apoio que a lei lhe negava. Felizmente para o corpo commercial do Brazil, esse funcionario chegou. Foi o conselheiro Pedro Luiz, que, como presidente de provincia, se negou terminantemente a sancionar um tal escandalo, e essa sua resolução que teve a immediata approvação do Conselho Geral, proporcionou-lhe, da parte dos seus patricios, inequivocas provas de gratidão e regosio.

O Brazil inteiro comprehendeu logo o que lhe devia e, representado por todas as suas associações commerciaes, não tardou em testemunhar-lhe a sua gratidão. O conselheiro Pedro Luiz recebeu de todas ellas o titulo de *socio benemerito*, e a *Associação Commercial da Bahia* querendo, levar mais longe a prova da sua consideração pelo illustre brasileiro, inaugurou solemnemente no seu salão nobre o retrato de Pedro Luiz a par dos retratos dos benemeritos conde dos Arcos, Visconde de Caravellos e barão do Catigipe.

Este simples acto da mais recta administração, veiu finalmente pôr cobro aos desmandos das assembleias e iniciou uma nova época de prosperidade para todo o Brazil commercial. Hoje em todo o imperio, graças ao conselheiro Pedro Luiz, cujo retrato honra as columnas do Occidente, as provincias só tributam os seus generos de exportação.

O nosso biographado é natural do Rio de Janeiro, foi ministro dos Estrangeiros no gabinete de 28 de março de 1880 e é presidente da Bahia desde 28 de janeiro do ultimo anno. Como particular é estimabilissimo pelas suas altas qualidades moraes, como funcionario merece a consideração de todos os seus patricios pela rectidão e firmeza do seu character. O imperio brasileiro honra-se de o ter por filho, como o nosso jornal se honra hoje de o contar no numero dos seus biographados.

PORTO DE MÓS

Como muitas outras povoações de Portugal não se lhe conhece a origem; e n'esta além d'isso o nome não deixa lugar para hypothèses.

Deve porém ser muito antiga e por alguns achados de moedas, e restos de construcções antigas, deve ter havido por alli povoação importante no tempo dos romanos.

Sabe-se com certeza que no tempo do dominio sarraceno existia alli um castello forte, que o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques conquistou por surpresa aos mussulmanos, segundo o seu costume e plano de campanha, afim de ir constituindo varios pontos de apoio para as suas surpresas futuras ao sul.

«A villa está situada na encosta occidental da serra de Minde, correndo-lhe a oeste os rios *Lena* (ou *Lent*) e do *Alcaide*, muito abundantes de peixe de varias qualidades. Suas margens são povoadas de frescas hortas e férteis pomares que as fazem deliciosas. O nosso poeta Francisco Rodrigues Lobo as celebrou em mavisos versos» (Pinho Leal).

A gravura deixa bem perceber a belleza da posição com o seu castello no alto em sitio pittoresco e forte.

Segundo se diz, depois de alguns ataques dos sarracenos Porto de Mós, convertida em um montão de ruínas, foi abandonada pelos christãos, e assim esteve dez annos, até que em 1200 D. Sancho 2.^o mandou reedificar e ampliar a fortaleza e repovoar a villa. Não parece muito natural que estando em poder dos christãos Cintra, Lisboa, Santarém, Palmella, Évora, Beja, Badajoz, etc., posses Porto de Mós soffrer ataques tão repetidos.

Porto de Mós é patria do Bispo de Miranda e Leiria D. Antonio Pinheiro, escriptor notavel.

Não deve esquecer que uma certa tradição diz que D. Affonso Henriques nomeou Alcaide Mór da nova conquista a D. Fuas Roupinho, que derrotou o exercito do Rei Gami, que o veio cercar; que depois sendo almirante venceu uma notavel batalha aos arabes, perecendo em outra, e que finalmente D. Fuas Roupinho é o heroe da lenda de Nossa Senhora da Nazareth. E' porém notavel que de tão importante personagem se não ache o minimo vestigio em tantos documentos publicados e ineditos do primeiro periodo da monarchia.

No desenvolvimento artigo do sr. Pinho Leal no seu *Portugal antigo e moderno*, podem os curiosos ver o que ha relativo a Porto de Mós.

O DOURO

Por entre duas encostas alcantiladas e magestosas revolve o Douro as suas aguas. Aqui as precipita em perigosos cachões sobre fragas robustas, que muitas vezes despedaçam barcos e engolem as vidas dos homens; alli serpenteia por entre duas margens de area finissima, formando inumeras angras, enseadas e remansados portinhos onde os barcos acham abrigo e pontos de commercio.

Varios rios de menor pulso, ribeiras e correjos, vem juntar as aguas precipitadas á corrente magestosa e revolta do grande rio.

As suas margens montanhosas revestem-se de vinhas extensas, que são um mimo da natureza, e uma das maiores opulencias do nosso paiz. Infelizmente essa deliciosa planta, atacada por tantos inimigos, dos quaes os mais terriveis são o *oidium tulerii* e o *phylloxera vastatrix*, tem soffrido desastres consideraveis. Não desanimar, porém; aquelle é o producto natural d'esta regio, e não permita Deus que o vejamos substituído pela envenenadora solanea, o tabaco, essa terrivel *Brimiliers* vegetal da actualidade, contra a qual desovajamos instituído um cordão sanitario.

Douro, magestoso Douro, dá-nos vinho, o precioso nectar de Noé ou de Baccho, dois sujeitos de memoria immorredora, dá-nos vinho, que, com quanto embebeda, conforta e alegra.

Vinum latificat cor hominum é da sagrada escriptura.

THEODORO AUGUSTO PEDROSO

Lisboa presenciou no dia 13 do mez passado uma solemnidade imponente. Era o enterro de um operario, mas de um operario que foi um heroe nas campanhas da paz.

Todos conhecem essa nobre e sympathica corporação dos bombeiros, d'esses homens que ao mais simples signal, deixam a officina, a casa, a cama, a familia, para correrem em auxilio de seus irmãos, para accudirem á maior desgraça que se póde dar no seio da paz — o incendio.

Era um d'estes, e dos mais bravos o 1.^o patrão Theodoro Augusto Pedroso, que se finou no dia 11 do referido mez.

Era sempre dos primeiros a correr onde havia perigo, sem olhar ao seu risco pessoal.

São muitos os factos de abnegação e coragem praticados pelo finado Pedroso, mas especialmente se tornou notavel no incendio occorrido a 24 de junho de 1857, na rua do Almada, e no grande incendio de 20 de julho de 1871, no largo do Corpo Santo.

N'este ultimo quando acabava de avisar alguns camaradas para evitarem o perigo, achou-se repentinamente envolvido no fogo, com o seu collega patrão Lima: este foi victima, e Pedroso sahio d'entre as chammas salvo, mas muito queimado, ficando de então para cá soffrendo sempre, sem que esta circumstancia o fizesse afrouxar no seu denodo, arriscando-se sempre.

O municipio reconheceu os seus serviços, concedendo-lhe as medalhas de prata de merito, philanthropia e generosidade pelos serviços prestados nos referidos incendios, e a 20 de janeiro de 1878 foi nomeado chefe de companhia interino.

Havia nascido o bravo Pedroso a 4 de julho de 1836.

O enterro d'este benemerito da humanidade sahio da igreja da Encarnação, onde fora depositado na vespera, em direcção ao cemiterio occidental.

O corpo de bombeiros com o seu chefe, os vereadores da camara municipal, delegações das corporações de bombeiros voluntarios, das companhias de seguros e de outras corporações formavam o prestito, indo o feretro sobre uma carreta.

O povo abria alas desde a igreja até á praça do Principe Real, e acompanhou depois o cortejo.

Varias coroas foram depositadas na urna. A beira da sepultura foi recitada uma poesia pelo sr. Francisco de Paula Rodrigues dos Santos, e o digno chefe da corporação o sr. Carlos José Barreiros em singella phrase fez o elogio do finado.

Assim presta o povo o seu tributo e homenagem á probidade e abnegação.

O Theatro da Rua dos Condes

(Continuado do n.^o 177)

Um dos primeiros actos da sociedade artistica foi o escripturar a actriz Delphina, que encetára a sua carreira theatral no Salitre, fazendo-se alli applaudir, segundo refere o periodico *A Fama*, pela «naturalidade e bello porte de scena».

Até 1844 a empreza viveu n'uma certa prosperidade, pagando aos seus escripturados vencimentos consideraveis, e ainda maiores que os da empreza anterior. O ordenado mensal da actriz Talassi era de trinta moedas e o de Emilia das Neves quinze moedas, satisfazendo-se a esta ultima tambem a despeza do vestuario.

A *Revista theatral* fallando em 22 de outubro de 1843 acerca dos espectaculos dados pela sociedade, escreveu as seguintes palavras, de hostilidade manifesta para Emilio Doux:

«Depois da emancipação dos nossos artistas portuguezes, depois que scudido o jugo estranho elles se propuzeram a mostrar que a boa ordem dos espectaculos, o moderno da declamação, a boa escolha das peças, o feliz desempenho d'ellas, a *mise-en-scène*, etc., não dependiam tanto do estrangeiro, que os dominava, como do estudo e habilidade que os caracterisava, ninguem haverá que negue o terem elles continuado com os seus trabalhos scenicos sem differença alguma do que d'antes eram, porém dignos de muito maiores elogios, porque se acham abandonados do forte e poderoso braço do sr. conde de Farrobo e do auxilio pecuniario do thesouro. Apesar d'estas fallas lá caminham muito a aprazimento do illustrado publico, que tem geralmente applaudido as bellas produções dramaticas que nos teem apresentado.»

Em phrase mais correcta e menos emaranhada, mas com igual sentir, se expressou em 29 de fevereiro do anno immediato a *Revista Universal Lisbonense*, a respeito da empreza artistica, sendo comtudo ainda mais violenta a aggressão a Doux: «O que já estamos vendo no theatro portuguez, diz o bem redigido periodico, é um bom argumento de que não carecemos n'esta parte de serviços de estranhos: o futuro desenganará os teimosos e os fará desprezar aventureiros, que no largarem as grandezas e florescencias de suas terras por esta nossa tão pobre e desprezada, já nos dão amostras do a que veem. Não é o talento que nos falta, senão o amor ás nossas coisas.»

Mais alto do que o patriotismo falla n'estes juizos um mal reprimido despeito e a ingratidão.

Durante esta empreza continuaram a apparecer dramas e comedias originaes portuguezas. Assim,

a 29 de outubro de 1843 representou-se pela primeira vez na Rua dos Condes a *D. Maria d'Alencastro* do sr. Mendes Leal e obteve grandes applausos. A par de Carlota Talassi e de Epiphanyo agradaram muito n'este drama Rosa, no papel de Conti, Tasso, no de D. Antonio Portugal, e Carlina Emilia, no de Laura. Esta actriz estreiou-se n'aquelle anno, e era de uma formosura notavel.

Tambem em 1843 foi representada a comedia em dois actos *O barão de Gallegos*, original do auctor do *Captivo de Fez*. Tendo obtido grande exito nas duas primeiras representações, foi prohibida pela auctoridade, por ser uma satyra aos innumerados barões creados sete annos mais cedo, pelo ministerio de que fazia parte Manoel da Silva Passos. Os detractores da comedia justificavam a prohibição com a baixeza de certos dialogos, etc. Voltou não obstante o *Barão de Gallegos* á scena em beneficio de Epiphanyo, e representou-se depois muitas vezes.

Em maio de 1844 faltava a concorrência em todos os theatros, o que provinha, na opinião da *Revista Universal Lisbonense*, de serem muito elevados os preços dos logares. Começou então a sociedade artistica a pagar com atrazo os vencimentos á companhia. Apesar d'isto não pararam os espectaculos. Nos fins de janeiro de 1845 deuse na Rua dos Condes a *Pobre das ruínas*, novo e sexto drama do sr. Mendes Leal. Aquelle periodico felicita o auctor por se ter expurgado «não dos seus defeitos, mas do excesso das suas boas qualidades», o que attribue á attenção prestada pelo escriptor ás advertencias dos amigos. Entende que na *Pobre das ruínas* o dramaturgo se corrigiu da «exageração no sentimento, do arremessado nos pensamentos, do nimio extraordinario nas ficções, em summa de tudo aquillo que, posto que agrade ás turbas, não deixa comtudo de ser condemnado por um gosto mais illustrado e mais seguro que o d'ellas».

O sr. Mendes Leal n'este tempo não gosava da abundancia, de sorte que se via na necessidade de traduzir e imitar muitas comedias e farças, e viver á custa do que taes versões lhe produziam, deixando no entretanto de escrever originaes, o que o jornalista lamentava deveras.

Outro auctor dramatico que apresentou uma peça original á sociedade artistica foi o sr. Antonio Pereira da Cunha, que pretendia na *Brasília Parda* seguir a escola inaugurada por Almeida Garrett. Do mesmo escriptor é a comedia *Doas filhas*.

O *Alfageme de Santarem* que, segundo disse-mos, se representou tambem na Rua dos Condes, foi posto em scena pela empreza de actores. Provocou extraordinarias ovacões motivadas pelo merecimento litterario da obra, e tambem resultantes de que o espirito do publico, excitado pelas luctas dos *Cartistas* e *Setembristas*, queria descobrir nas phrases de Garrett muitos dizeres adequados aos acontecimentos politicos do tempo.

Não deixaremos agora de transcrever uma apreciação que a *Revista Universal* faz do modo de representar dos nossos actores, analysando em 17 de junho de 1845 o desempenho obtido pela *Condessa de Altemberg*, drama escripto um tanto no gosto da escola classica.

«Os nossos actores foram educados com os dramas da escola dita romantica — e do romanticismo desgrenhado, exaltado, furibundo. Em muitos d'esses dramas foram felizes; n'outro genero, igualmente falso, a que, para se lhe dar algum nome, se chamou *melodramatico* quasi sempre o são tambem; mas n'estes dramas sisudos, graves, de correcção suave e pura como um desenho de Raphael, as contorsões, os gestos violentos, os gritos, toda a farragem da exageração, ficam mal, vão-lhe como podem ir umas formidaveis botas á Frederico, com o seu competente par de esporas, n'um cortezão de calção, casaca direita e chapéu de pasta. Não disse tudo. A declamação e expressão dos affectos, tambem teem outras maneiras n'este genero; assim como elle é para o sentimento e não para as sensações, tambem a voz e o dizer devem ser para o coração e não para as orelhas.»

Efectivamente havia alguns d'estes actores que eram antes de tudo convencionaes no modo de representar, e que offereriam, em relação aos que hoje applaudimos, a mesma disparidade que havia entre elles e os comediantes do genero Arcejas. Notavam-se, porém, excepções. Alguem que vio uma noite, em 1860, o Sargedas representar o *Gaiato de Lisboa*, disse para um seu amigo:

— Representava d'este modo exactamente, quando creou o papel.

E Sargedas em 1860 fazia o garoto com perfeita naturalidade.

(Continua)

Maximiliano d'Azevedo.

O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 177)

II

AROUCA

Não conheces, leitor, o valle de Arouca? Pois apressa-te a visitá-lo; que poucas paragens florescerão no paiz tão como aquella deliciosas e amenas, tão exuberantes de vida, tão prodigas de encantos e de frescura. A uma e outra margem do pittoresco rio Arda alastram-se feracissimos campos de cultivo, que na primavera revestem em massa a cõr de deliciosa da esmeralda. Ali se aprumam romorejantes os salgueiros, com a sua tremula folhagem bicolor; a vinha contorce as suas nodosas varas em mudas attitudes de desespero; arvores de fructo aos centenares matisam de tons cõrados, appetitosos, vivos, aquella extensa monotonia verde, longa, victoriosa e tersa como a fita de uma grã-cruz; e na orla, um pouco elevados, os castanheiros verdenegros ostentam vaidosos a sua corpulencia herculea, com uma floração ridente a salpicar-lhes a coma de claro, qual se foram marquezes empoados para alguma solemne recepção. E este fecundissimo torrão, este riquissimo thesouro rural, tão farto de produções mimosas, tão rico de matizes e de perfumes, tão fresco e tão salutar, guarda-o vigilante e zelosa uma aprumada serra, que de perto o cinge pelo norte, pelo nascente e pelo sul, erguendo-se em torno austera, rigida e quasi inacessivel, e deixando apenas ao poente um ingresso estreito e mais seguro,



CONSELHEIRO PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUSA, PRESIDENTE DA PROVINCIA DA BAHIA
(Segundo uma photographia de G. Geensly)

como tomada de justo ciúme pela sonegação d'aquella angustiada preciosidade.

Não podia tão vantajoso e aprazível sitio deixar de ser de mui longe escolhido pelos homens para recreio e habitação. Assim é que a villa de Arouca tem uma remotissima antiguidade. Põde affirmar-se que foi fundada pelos gallos-celtas, 4 ou 5 seculos antes de J. C.; não que se conheça de tal fundação memoria escripta; porém algumas *antas* descobertas por aquella redondeza demonstram a diuturna permanencia dos celtas por ali.

Em tempo da dominação romana parece que Cesar Augusto fundou no valle uma cidade com o nome de *Araducta*, muito florescente sob o dominio dos godos, e mais tarde saqueada e destruida pelos arabes no anno de 716 de J. C. Desde então, apesar de reedificada, nunca mais recuperou a antiga prosperidade. Decadente rastejava por occasião do estabelecimento da monarchia, e decadente ainda hoje se conserva, prejudicada principalmente pela sua posição particular, a qual, se bem que a torne senhora de um risonho pedaço de solo, em extremo fecundo e possante, a faz lutar sem vantagem com uma enorme difficuldade de boas communicações, effeito dos complicados e declivosos accidentes orographicos que a dominam e quasi rodeiam completamente, apartando-a zelosos do convivio do progresso.

Hoje conta Arouca 966 habitantes, pouco dados em geral ao asseio (qualidade aliás predominante em toda a Beira); e pôde dizer-se que não tem senão dois arruamentos: um em declive, na descida do Arressaio para a villa,



PORTO DE MOZ (Segundo uma photographia)

e outro seguindo-se a este quasi em angulo recto, e conduzindo á *praça*, onde pousam o convento e a igreja matriz. As suas construcções são tristonhas, tóscas e mesquinhas.

III

A EGREJA MATRIZ (1)

No anno de 716 havia em Arouca duas parochias christãs: Santo Estevão do Valle de Moldes e S. Pedro de Arouca, sita esta na falda meridional do monte de Nossa Senhora da Mó, a leste da villa. Mais tarde, a freguezia de Moldes foi separada da

de S. Pedro; e a igreja d'esta, como fosse julgada pequena para as necessidades da parochia respectiva, foi mudada para o interior da povoação, onde se construiu uma espaçosa matriz de tres naves com galilé á porta e pegada ao côro do mosteiro. Segundo a tradição, tinha da parte de fóra sobre cachorros de granito os sarcophagos de Vandilo e Loderigo, bem como de Ansur e Eleva, sua consorte, e que foram os fundadores e os primeiros possuidores do mosteiro, como adiante se verá.

Correndo o anno de 1220, como o convento tivesse de ser ampliado e melhorado, e a fabrica da igreja, encostada a elle, se oppozesse no accrescentamento, foi ella demolida a expensas das frei-

ras, para o que obtiveram licença, tendo previamente contrahido a obrigação de ceder a nova igreja da sua casa para o serviço cumulativo de matriz da villa. Parece porém que os mistéres do serviço parochial, mórmente os casamentos e o ensino da doutrina aos meninos, escandalisavam o melindroso pudor das monjas e lhes perturbavam irreverentes as rezas do côro; por quanto ellas passaram a fazer construir fóra, no terreiro ao norte do convento, uma capella da invocação de S. Bartholomeu, que foi convertida em parochial da povoação, ficando a igreja do mosteiro livre da exhibição frequente de espectaculos com um forte sabor de mundanidade aos olhos das servas do Senhor, em beneficio manifesto do repouso es-



VALLE DO DURO (Segundo uma photographia de Elle)

piritual d'estas e para honra e proveito da austeridade monachal.

Foi mandada fazer a ermida, em tempos de Afonso III ou de Diniz, pela abbadessa D. Milicia, que lhe ordenou a fabrica acanhada e modesta, pois não quadrava á caridade d'aquellas evangelicas creaturas dispender larga somma n'uma obra destinada ao serviço de estranhos, embora fosse indirectamente ainda beneficial-as.

A capella ainda hoje existe, desolada e mofina em meio do largo terreiro, conforme a representa a estampa. A herva cresce-lhe basta e livre pelo sopé dos muros, em jovial camaradagem com varios arbustos asperos e agrestes; e n'uma densa agglomeração de abandono a ramaria brava divide-lhe as juntas das pedras com uma nitidez de escarneo, tapeta-lhe cariciosa as calvas lageas do

adro, e pendura-se-lhe ousadamente, — Quasi-modo da ruina, — do alto do campanario ennegrecido.

Asseveram alguns auctores, entre elles o sr. Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno*, que a fachada da capella é a mesma do antigo templo de S. Pedro, conservada já cautellosamente pelas freiras, por occasião da demolição, com o secreto intuito de mais tarde libertarem a sua igreja do onus de igreja matriz: eu porém não posso deixar de refutar redondamente tal asserção. Não só o primitivo templo de S. Pedro, com as suas tres naves, devia ser muito mais espaçoso e largo, que a actual ermida; mas ainda a inspecção do portal d'esta, e de alguns labores do interior, mostra bem claro que o lavrado d'elles deve ter sido executado anteriormente ao primeiro quartel do seculo XIII, isto é, alguns seculos depois da erecção da antiga matriz de S. Pedro. Predomina ali em toda a fabrica esse estylo eclectico de architectura, cha-

mado *normando-gothico*, perfeito elo de ligação entre o arabe e o gothico puro, no qual se presentem já as elegancias da ogiva, ainda que opprimidas pelos austeros bastiões ameçados, e que era filho das necessidades e das aspirações de uma epocha, de continuo dividida entre a peleja e a oração.

Nos seculos XI e XII a architectura conservára ainda na peninsula uma feição mais pesada e mais grosseira, que só durante o reinado de Diniz principiou verdadeiramente a amaneirar-se e a aligeirar-se, como melhor que em qualquer outro monumento se pôde ver no mosteiro de Odivellas, por mais que um titulo tão querido do rei, seu fundador. Ora essa ligeireza progressiva, essa trabalhosa transição das pesadas proporções da architectura militar para os idealismos arrebatadores do systema ogival, notam-se já esboçadas no portal da matriz de Arouca, — em que peze a olhos pouco allumiados para estas delicadas observações.

(1) Veja-se a estampa publicada a pag. 240 d'este volume, que por inadvertencia veio designada como representando o Mosteiro.

Da antiga matriz talvez fosse aproveitado o campanario que se ergue no primeiro plano da gravura; esse sim, é que pelas canelluras, hoje muito deterioradas, da cornija, pela sua forma pesada e macissa como um montante, e pelos relevos semisphéricos do friso que supporta os dois arcos, também semicirculares, revela uma antiguidade muito superior á da capella, e remonta ao período romano.

O interior d'esta é, como o exterior, pobre e modesto, e está por igual deteriorado. Vêem-se na capella-mór dois tumulos embebidos na parede, um a cada lado do altar, com epitaphios gothicos quasi illegiveis, e ainda para mais pintados a ocre espessamente! No pavimento da igreja algumas inscripções tumulares se leem também a custo, todas sem importancia.

Merecia mais cuidado dos poderes publicos, ou ao menos do municipio da villa, este venerando e valioso, apesar de pobre, monumento nacional.

Abel Accacio.

ERRATA. — Em o numero antecedente, saiu este estudo por engano firmado com o nome do illustre escriptor, Accacio Antuco.

O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

(Continuado do n.º 173)

Isto não quer dizer que muitos d'elles não possam ser produzidos na localidade.

A cana de assucar é largamente cultivada pelos naturaes, e o café, que como se sabe é indigena em toda a Africa tropical, dará um producto admiravel, pela sua cultura nas encostas que cercam o lago. A questão alimenticia é realmente a grande difficuldade da exploração do Congo; porque, ainda que o paiz seja uberrimo, como os indigenas cultivam tão somente o que se lhes faz mister, para satisfazer abundantemente á sua subsistencia, não tem que fazer para a repentina abertura de um canal nos seus recursos.

Leopoldville goza a vantagem de ter um pequeno porto, em frente da estação, protegido por um pontal arborizado, que avança sobre o Congo.

Naturalmente todas as quedas acabam aqui, ou antes seguindo o curso da corrente não começaram ainda — a primeira apparece perto de Leopoldville um pouco atraz da estação — de maneira que a navegação é livre e desembaraçada desde este pequeno porto por uma distancia de cerca de mil milhas para o interior. Ha comtudo algumas difficuldades ainda para deante. Logo que se tornea o pontal arvorejado que forma o porto, o terreno começa a levantar-se e a floresta a desaparecer; e em *Calina point* ergue-se abruptamente, da agua um outeiro de perto de cincoenta pés de alto. A corrente que se arrebatá á volta d'este promontorio, é tão temerosa que difficulta a navegação dos vapores, que vogam em sentido opposto, e é realmente perigosa para as canoas indigenas que assim navegam. Foi aqui que em dezembro do anno passado morreu afogado o tenente Calina, austriaco, membro da expedição. Quiz forçosamente subir o Congo em uma pequena canoa indigena, e como era homem de grande corpulencia, recommendaram-lhe por prudencia que se assentasse n'uma caixa á popa, o que assim mesmo tornava o balanço irregular. O pequeno batel era mal governado, e ao encontrar a corrente, n'este ponto que ella tornea com violencia, apanhou um golpe por um dos bordos e foi instantaneamente virado, soçobrando. O tenente Calina afogou-se, e em sua memoria, foi dado desde então o seu nome a este perigoso promontorio.

Quasi em frente de *Calina point*, que, pela sua dominante posição, pôde ser chamada o Gibraltar do lago, está Míwa, uma pequena aldeia indigena, tão insignificante por sua área e situação, que mal se repararia n'ella ao passar; hoje porém não se pôde fazer isso em virtude do ruido que tem causado na Europa, depois de christmada com o nome de Brazzaville. É aqui que De Brazza, assegura ter alcançado para a republica franceza, uma concessão de territorio de nove milhas de extensão.

Brazzaville compõe-se de poucas cabanas indigenas, meio construidas de bananciras, sustentadas por estacas de madeira. Da parte esquerda, de frontando com o lago, ha uma pequena angra, que pôde ser melhorada, para formar um acanhado portinho. D'ella se levanta uma ilha, mas bonita e fértil, até agora deshabitada, salvo por alguns pescadores, a qual pôde ser aproveitada e successivamente melhorada pelos francezes; afóra estas duas pequenas vantagens, que allás não são raras em qualquer sitio de Stanley-Pool, é difficil reconhecer qualquer outra circumstancia favoravel

n'esta situação, ou então devemos confessar que foi ponto muito mal escolhido para uma estação. N'esta parte inferior habitada do lago prevalecem as febres e na estação hiberna Míwa deve tornar-se um pantano muito favoravel ao rheumatismo. Se De Brazza tivesse estabelecido a sua pretendida estação em qualquer parte dos elevados e ventilados «Dover Cliffs» houvera acertado, e devemos-nos recordar que toda a larga bacia do lago estava á sua disposição quando primeiramente ali chegou. De Brazza penetrou n'esta região muito antes que Stanley podesse transportar para ella seus homens e haveres, afim de fundar uma estação, de maneira que o franco-italiano, como é obvio, foi o primeiro que teve a escolha da localidade.

O viajante suppõe que, a despeito da excessiva affeição dos naturaes para com De Brazza, estes não pozeram á sua disposição muito terreno, e De Brazza fixou-se em Míwa, por não ter podido obter coisa melhor. É natural também que o fizesse por haver já ali um nucleo de povoação.

Poderia também ter olhado além, e ter previsto quanto convinha assegurar-se de Calina Point, porque em tal caso ficava habilitado a fechar a bocca do lago, se necessario lhe fosse. Felizmente, porém, accrescenta o viajante, Calina Point não parece poder vir ás mãos dos francezes, porque, como elle julga, já existe firmado um tratado entre os principaes chefes dos arredores e Stanley a respeito d'este ponto.

(Continúa)

J. B.

SALVADOR CORREA DE SÁ BENEVIDES

(Continuado do n.º 175)

As piraterias de francezes, inglezes e hollandezes obrigavam o paiz a ter sempre armadas no mar para protegerem os navios que negociavam nas diversas partes das colonias, e Salvador Correa, por alvará e regimento de 26 de março de 1644, foi nomeado general da frota que então se organisava, para escortar e proteger os vasos do commercio do Brazil. A 8 de junho seguinte foram-lhe conferidos poderes, para explorar as minas do Brazil, e pouco depois era nomeado para um logar no conselho ultramarino.

Encarregando outros da exploração das minas, preferiu os trabalhos do mar, e como general da frota e em protecção de navios fez tres viagens a Portugal. Na primeira d'ellas com trinta e sete velas prestou grande soccorro a Tamandaré, concorrendo para o bom exito da empresa de João Fernandes Vieira, na restauração de Pernambuco.

Estava então Angola em poder dos hollandezes, que, apesar de se dizerem em boa harmonia com o Portugal continental, entendiam deverem reter, como boa presa, as colonias, de que, pelas suas discordias com a Hespanha, se haviam apoderado.

Salvador Corrêa tinha sido nomeado capitão das trez capitánias do sul do Brazil, debaixo das ordens do governo geral do Rio de Janeiro, mas com completa independencia nos assumptos da guerra, e em caso d'esta.

Angola, porém reclamava um presidio, por isso que se achava em grande aperto desde a morte do governador Sotto-Maiór, e D. João IV entendeu que nenhum outro podia levar aquella empresa a cabo senão Salvador Corrêa.

Munido de todos os poderes necessarios para organisar as forças do Brazil, ás quaes devia juntar as que levava de Portugal, e auctorizado a conceder perdão a muitos comprometidos, partiu para a America. As ordens do reino tinham sido tão bem dadas e tão bem executadas que ao entrar a barra do Rio de Janeiro, encontrou já Salvador Corrêa cinco galeões de todo prestes, e em organização o mais que era preciso para a intentada empresa.

Demorou-se apenas no Brazil, quatro mezes, conseguindo arranjar mais dez vasos de guerra, completamente municiados e providos de gente, tendo feito conhecer aquella colonia quanto importava á sua conservação e progresso, que Angola não ficasse em poder de estrangeiros. As suas exhortações haviam produzido um donativo de oitenta mil cruzados, quantia avultada, mas que não seria exorbitante para a florescente colonia do Brazil, se não fossem as campanhas que ella propria tivera a sustentar para a sua conservação e libertação, não obstante os grandes auxilios de armadas, petrechos e gente que do continente e ilhas adjacentes lhe foram por vezes enviados.

Com esta frota de quinze barcos, dos quaes quatro foram armados e equipados á custa do pro-

prio Salvador Corrêa, fez-se este de vella do Rio de Janeiro aos 12 de maio de 1648, levando também novecentos homens de tropa de desembarque.

Em conformidade com o seu regimento saltou em terra no porto de Quicombe. Examinado o sitio, onde lhe era ordenado estabelecesse uma feitoria, convocou os seus capitães a conselho.

Era também um dos pontos do seu regimento não quebrar a paz com os hollandezes, mas tendo, pelas informações a que procedeu, e queixas que lhe foram presentes, reconhecido que estes exerciam um poder tyrannico sobre os portuguezes e indigenas, a quem gravavam de vexames, expoz aos seus capitães que em vista d'estes factos, lhe parecia encontrar no mesmo Regimento facultades que em tal caso lhe permittiam tomar a offensiva. Assim o julgou o conselho e decidiu que se comescasse o ataque pela capital.

Embarcou de novo a gente toda e a armada vogou em direcção a Loanda. Apenas surgiu no porto, enviou logo Salvador Correa um parlamentar aos hollandezes, intimando-os a que se entregassem; estes pediram oito dias para responder.

Salvador Correa, prevendo que o fim d'esta demora era para se fortificarem e prepararem, concedeu-lhes apenas 48 horas.

Findo este prazo, como o inimigo se dispozesse a resistir, o governador fez saltar toda a infantaria em terra, effectuando-se o desembarque sem resistencia. A frente das suas tropas marchou o general para a cidade, onde pernitoiu, aproveitando a noite em levantar duas baterias contra o inimigo.

Na manhã do dia immediato rompeu o fogo contra a fortaleza de S. Miguel, onde os hollandezes estavam recolhidos; batida em brecha deu o general ordem para o assalto. A primeira investida foi vigorosa e arrojada; dos assaltantes morreram sessenta e trez, e ficaram muitos feridos, por que os sitiados defenderam-se com inexcedível valor. Salvador Corrêa mandou retirar; os hollandezes tendo presenciado o valor do primeiro ataque e recendo que a retirada fosse preparo para segundo, julgando não poder resistir-lhe pelo estado de ruina em que já estava a fortaleza, propozeram capitular.

Salvador Corrêa recebeu bem a proposta e aceitou todas as condições que lhe apresentaram. Assignou-se a capitulação a 15 de agosto de 1648, sahiram os inimigos em força de 1100 hollandezes, allemães e francezes e outros tantos negros, ficando espantados de se verem vencidos por tão pequena força.

Dentro de sessenta dias tinham os hollandezes evacuado toda a costa de Angola.

(Continúa)

J. B.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

(Conclusão)

IX

Outra grande madrugada, a ida a Toledo.

E essa mais terrível ainda que a do Prado, porque não nos esperavam á porta os char-a-bancs, esperava-nos na estação das Delicias um comboyo expresso, que apesar de ser posto expressamente ás nossas ordens, nem por isso deixava de ter a sua hora marcada para partida, hora de que não podia afastar-se.

A trouxe e mouxe, meio a dormir meio acordado, lá fomos dentro d'uma d'aquellas tipoiás madrilenas, que dormitam pelas ruas da cidade, até á estação.

O comboyo estava quasi a partir: só tivemos o tempo de trepar para a carruagem salão que era destinada aos jornalistas que eram acompanhados de senhora.

E a machina soltou o seu grande silvo, e seguimos a caminho de Toledo, em companhia agradabilissima.

N'essa carruagem salão iam o sr. de Rute, sua esposa a princeza Rattazzi, com a sua loura aia, e os nossos bons amigos e compatriotas Jayme da Costa Pinto e esposa, Pinheiro Chagas e filha, Leite Pereira, esposa e irmã, Sebastião Bertandos e esposa, D. Luiz d'Almeida, D. Nuno Belmonte, Cypriano Jardim e outros cavalheiros portuguezes e hespanhoes. As duas horas de caminho de Madrid a Toledo passaram-se a correr n'um cavaco muito animado, muito alegre, entremeado d'uma guarda avançada do almoco, composta de *jambon dulce*, vitella, Xerez e Val de Peñas, com que os nossos amáveis confrades de Madrid tinham

tido a caridade obsequiosa de ajudar o nosso estomago a esperar o excellent lunch que se nos preparava em Toledo.

Quando chegámos a essa estação esperavam-nos todas as auctoridades da terra com a philharmonica á frente.

Foi uma recepção festiva e brilhante acompanhada de vivas a imprensa portugueza, vivas á imprensa hespanhola, ás auctoridades de Toledo, uma grande vozearia entusiastica e alegre.

E começamos a subir em carruagens a famosa ponte de Alcantara, sobre o nosso Tejo, que já ha muitos dias não víamos.

A payzagem ali é lindissima, e o aspecto de Toledo encantador.

A nossa visita principiou, como era de dever, pelas famosas puertas del sol.

Que felicidade para nós todos, para os leitores e para mim, eu não ser inteiramente nada archeologo.

Se o fosse Deus sabe quando eu acabaria estas notas de viagem, e que proporções gigantescas de Larousse tomariam os nossos Dez Dias em Hespanha.

Não o sou, e assim podem estar descansados que não lhes descreverei o arco das puertas del sol, não lhes transcreverei as suas antigas inscripções, não lhes contarei as columnatas da celebre cathedral, não lhes enumerarei as pedras preciosas do manto de virgem, e todas essas coisas curiosissimas, interessantissimas, que eu sei só ver, e que levam resmas e resmas de papel a contar.

No bello livro de Theophile Gautier, *Tras los montes* encontrarão a viagem a Toledo d'esse grande escriptor com todo o vigoroso colorido em que elle não deixou rival.

Eu, disse já francamente, algures, admirei muito a cathedral de Toledo, mas muito mais que a cathedral a cara formosissima d'uma hespanhola loura que andava na cathedral a ver os portuguezes, e que foi a cara mais bonita de mulher que vi em Hespanha, o que não vem a ser um elogio da mesma força que se eu dissesse: — que vi no Passeio publico.

Depois de visitar a cathedral fomos ver a celebre fabrica d'Armas de Toledo.

É notabilissima essa fabrica mas é tambem soffrivelmente massadora. Vimos fazer espadas, mas para nós, profanos, não é isso lá uma coisa extremamente divertida.

E depois era já tarde a valer, e os nossos estomagos já se tinham esquecido do *jambon dulce* do comboyo e já se lembravam do almoço.

Tudo acaba n'este mundo; a visita á fabrica d'armas acabou por fim, e víamos á casa da camara, onde n'uma mesa enorme, em uma casa garridamente embandeirada e enfeitada com flores nos esperava um excellent almoço.

Findo elle e trocados varios brindes mais ou menos eloquentes entre portuguezes e hespanhoes, visitámos Santa Maria de la Blanca e outras preciosidades archeologicas e architectonicas e sahimos de Toledo no meio do mesmo vivorio entusiastico com que tinhamos entrado.

D'ali a duas horas chegavamos a Madrid, e quando n'uma tipoiá de praça atravessávamos o Prado, a nossa carruagem parou ao signal de um homem fardado com uma lanterna na mão.

Era um guarda da fiscalisação aduaneira:

— O que é? dissemos nós.

— Levam contrabando? perguntou-nos elle com uma delicadeza amabilissima.

— Não senhor.

— Então pôde seguir, disse elle para o cocheiro cumprimentando-nos com toda a cortezia...

X

— Só podemos dispôr de um dia; em que o havemos de empregar: no Escorial ou em Aranjuez? perguntamos nós um dia ao sr. Moret.

— Já foram a Toledo?

— Já.

— Então vão a Aranjuez.

Fomos a Aranjuez e não nos arrependemos.

Foi o nosso unico passeio extra-official: pagámos os nossos logares no comboyo, como qualquer simples mortal, porque desde que tinhamos entrado em Madrid deixamos de ser um simples mortal, e fomos perfeitamente em touristes, até Aranjuez, o Versailles da Hespanha.

E uma belleza Aranjuez e foi a unica parte da Hespanha onde vimos abundancia de verdura, arvores frondosas, a alegria tranquilla e radiosa dos campos.

Aranjuez faz lembrar Queluz com muito mais amplitude e muito mais belleza.

Logo ao chegar, estivemos um momento sentados na grande meia laranja defronte do palacio real, e tomamos uma carruagem para ir á casa do Lavrador.

O cocheiro enganára-nos: dissera-nos que a casa do Lavrador se podia ver áquella hora. Quando lá chegámos, faltava ainda hora e meia para a porta se abrir. Não havia nada mais que fazer, porque o palacio real só depois das 3 horas se podia tambem visitar, e então esperámos, sentados n'aquella extensissima estrada, debaixo das frondosas arvores seculares que a enchem de sombra.

Foi ali que, ouvimos, que surprehendemos, para melhor dizer a verdadeira musica popular hespanhola.

Estava um calor de maio: lá ao longe avistámos um carro de bois arrastando-se vagarosamente pela comprida estrada.

Estiraçado em cima do carro, o cocheiro fumava um cachimbo e cantarolava uma... malagueña.

Não se pôde imaginar nada de mais pittoresco, de mais encantador, que essa musica graciosa, unica no mundo, ouvida assim, cantarolada, no meio dos campos, por uma payzagem de verão.

Só para ouvir aquella malagueña, que se foi approximando, que passou defronte de nós, e que depois se foi pouco a pouco apagando no afastamento, valia a pena ter ido a Aranjuez.

•••

A casa do Lavrador, onde Carlos IV ia descansar da marcenaria nos trabalhos de lavoura, é um conjunto de riquezas preciosissimas, a começar pelo corrimão que é d'ouro macisso.

Ali dentro caminha-se de deslumbramento em deslumbramento, mas o que mais nos impressionou, foi um passaro de marfim, que é um prodigio d'arte e de paciencia, a cadeira e a mesa de malaquite, presente do imperador da Russia a D. Isabel II, e o boudoir que é todo forrado de paredes e lettras d'ouro e de platina.

Vista a casa do lavrador voltámos ao palacio real, lunchamos menos mal n'uma *fonda* em que não fomos muito roubados, e visitámos as salas do palacio, que não são muito notaveis, e onde se passaram os amores de Godoy com a mulher de Carlos IV, essa historia dramática e romantica que o nosso bom amigo e distincto escriptor o sr. Xavier Rodrigues Cordeiro tão bem contou n'uns folhetins de viagem publicados no jornal «o Districto de Leiria».

De todas as salas d'esse palacio as mais originaes são a sala chineza, toda de porcelana, e a sala mourisca. Mas superior a tudo isso é a queda do Tejo, quasi que na sua nascente, por baixo das janelas do palacio.

É esplendida realmente essa especie de pequena catarata, em que se veem perpetuamente as frutas a saltar como facas nas mãos de um malabar desstrissimo.

A quinta do palacio, sobre o Tejo pareceu-nos magnifica, mas não tivemos tempo para vê-la detidamente.

O comboyo de Madrid ia partir: do palacio á estação é um salto, e d'ali a duas horas chegavamos á capital da Hespanha.

No dia seguinte, á uma hora da tarde, no meio d'uma grande confusão de gente, entravamos para o comboyo de Lisboa e apertavamos a mão ao illustre jornalista o sr. Aguilera que fôra ao nosso bota fóra, e que ás horas em que escrevemos é governador civil de Madrid, pelo que felicítamos os madrilenos.

E vinte e tres horas depois, e que vinte e tres horas: apeávamos-nos em Santa Apollonia, com muito mais saudades de acabar a nossa viagem, do que hoje temos — nós e vós — de acabar estes artigos.

Gervasio Lobato.

RESENHA NOTICIOSA

COOPERATIVA DE CONSUMO. Apesar da opposição da camara do commercio do Hanover, a sociedade cooperativa de consumo dos officiaes recebe todos os dias novas adherencias. A sociedade conta já 12:000 membros! Entre nós ha alguma coisa já n'este sentido em cada corpo, mas a dispersão d'esses esforços, impede que se possam colher todos os beneficios de tão util instituição. Se nos pontos de maior agglomeração de tropas, como Lisboa, Porto, Elvas, etc., se colligassem todos os officiaes para esse fim, o resultado fora da maior importancia para a economia dos membros do exercito.

EXPOSIÇÃO. De 31 de outubro a 12 do corrente devia verificar-se em Dresde, uma exposição de livros de historia ecclesiastica, organizada pelo padre Klemm e os livreiros da cidade. Os homens illustados de Allemanha não descuram nenhum ramo de conhecimentos, os nossos espiritos fortes mofariam se entre nós se intentasse cousa semelhante.

ALBERGUES NOCTURNOS. Em uma estatistica publicada recentemente em França, vê-se que o numero de estrangeiros, que durante o anno de 1880 se aproveitaram d'aquella obra de caridade em Paris foi de 3:956; e comparando cada uma das parcelas com o numero de individuos de cada nacionalidade, alli residentes, vê-se que a colonia que mais auxilio recebeu foi a allemã. Tem graça.

GERAL DOS JESUITAS. Sabe-se que está muito doente o padre Boeck, octogenario, geral dos jesuitas, e que por esse motivo lhe fora dado como assistente o padre Anderledy; ha poucos dias, porém, foi este substituido, sendo nomeado para ocupar aquellas funções o padre Hævel, westphaliense de origem, que era director do collegio de Ditton-Hall em Inglaterra.

PAVIMENTO DE MADEIRA. Tem-se falado muito d'este methodo de calçar ruas, e das suas vantagens, pois fiquem sabendo que 1500 proprietarios de Berlim, onde elle está muito em voga, pediram a sua supressão por inconveniente.

VIAGENS DE INSTRUÇÃO. A Condessa de Reichenbach, filha do fallecido eleitor de Hesse-Cassel deu a quantia de 450:000 marcos (cerca de 99 contos de réis) á Universidade de Iena, para pagar viagens de instrução aos discipulos da faculdade de medicina. Graças a diversos donativos particulares, o fundo com essa applicação eleva-se já a 800:000 marcos, ou seja 166 contos de réis.

MAUROCO, CONFERENCIA. Entre as conferencias que durante este mez se estão fazendo no *Instituto polyglotta*, rue Grange Batelière, 16, Paris, proferiu uma no dia 7, o sr. Mauricio Cazes, cujo assumpto era *Marrucos*. Vejam lá se os nossos vizinhos perdem modo ou maneira de se fazerem valer, com relação áquelle imperio. Para melhor côr local a conferencia foi em hespanhol. Continuaremos a dizer: não percamos de vista *Marrucos*.

CONGO. O secretario do *Instituto de direito internacional*, em Bruxelias, escreveu á *Independencia belga*, uma carta relativa á questão do Congo. Naquella pretende responder á negação que uma recente circular diplomatica portugueza, oppõe á neutralisação das boccas d'aquelle rio. Diz elle que o *Instituto* não tem qualidade para reclamar esta medida, e que apenas pede a liberdade de navegação e a adopção de medidas uteis, para impedir conflictos internacionaes no Congo. Annuncia o secretario tambem a proxima publicação de um folheto em que sir Travers Twids nega o direito de soberania dos portuguezes sobre as boccas do Congo. Esperaremos e veremos.

Segunda feira 11 do corrente devia embarcar em Liverpool para o Congo, enviado pela *Internacional africana*, o sr. Casman, belga.

O TENENTE VIAUD. Sob o pseudonymo de Pierre Loti é conhecido e apreciado ha cerca de dois annos como escriptor de espirito, graça e talento aquelle official da marinha franceza. Tem publicado obras estimadas cujo encanto reside principalmente nas descrições surprehendentes dos costumes mais exóticos. Ainda ultimamente um estudo da vida do marinheiro, *Mon frere Yves* — livro encantador, veio acrescentar um florão á sua corôa litteraria. Viaud estava no Tonkim em serviço e d'ali enviou para o *Figaro*, entre outros, um artigo assaz pittoresco e vivo com relação a uma scena de *victoria* n'aquelle paiz longinquo. Não pinta os novos Rolands, como santos, mas sim ebrios de polvora e de sangue. O artigo fez estrondo nas alturas do poder, portanto o tenente Viaud foi passado á disponibilidade, e mandado apresentar em Paris para responder peio seu artigo.

DONATIVO IMPORTANTE. O sr. João Elders fez um donativo de 12:500 libras, ou cincoenta e seis contos duzentos cincoenta mil réis, á Universidade de Glasgow para a criação de uma escola d'architectura naval. Havia sete annos que o sr. Elders ti-

ENIGMA

51, 1000, p. 1, 10

Explicação do enigma do numero antececente:

Tristeza não paga dividas.

nha já dado 5000 libras, vinte e dois contos e quinhentos mil réis, para a criação de uma cadeira de engenharia civil.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BOM SENSO. É o título de um periódico de que temos presente o primeiro número. Publica-se em Lisboa, e muito estimaremos que os seus artigos correspondam ao título do periódico.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Está publicada a folha 18, que chega até pag. 280. Encerra esta folha a postura ou Estatutos de 14 de agosto de 1385, em que a Vereação reunida, considerando que *armas em seu damno e pericção toma o povo, e mui grande ajuda faz aos seus inimigos perseverando e envilecendo em graves peccados... porém o corregedor e juizes regedores, procurador do concelho e os procuradores dos homens bons dos misteres esguardando alguns graves peccados que se em esta cidade de mui longo tempo aca faziam e estremadamente peccados de idolatria e costumes damnados dos gentios... e considerando o perigo em que esta cidade e todo o reino ora está, que é cercada por mar e por terra, rei de Castella e é dentro d'este reino, entre o qual e nosso Senhor el Rey se espera cada um dia batalha...* para aplacar Deus, se resolvem a estabelecer as penas aos que obrarem de feitiços, ligamentos, chamar diabos, etc. É um documento interessantissimo, e importantissimo para a historia de costumes, e não sei que especie de veneração inspira, quando se considera que em quanto em Aljubarrota se feria a batalha que assegurava a independência portugueza, a governança da capital que tão acrisoladas provas já dera de seu patriotismo, se occupava de estirpar outro inimigo — a credence, a superstição.

Bem fez o sr. Freire de Oliveira em publicar na sua integra e com a maior exactidão tão respeitavel monumento.

ALMANACH ILLUSTRADO para 1884, propriedade de F. Pastor, 2.º anno. É um interessante livrinho que tem um lugar distincto entre os almanachs illustrados que se publicam em Portugal. De uma illustração graciosa, e de uma collaboração litteraria escolhida, o *Almanach Illustrado*, torna-se digno de figurar nos mais elegantes gabinetes, e estamos certos que ninguem de bom gosto deixará de o adquirir.

ALMANACH DO ANTONIO MARIA para 1883 e 1884. Está publicado este almanach esperado com tanto interesse pelo publico, o interesse com que sempre se esperam todas as produções do talento de Bordallo Pinheiro. Effectivamente o publico tinha razão de suspirar pelo *Almanach do Antonio Maria* porque este excede em graça tudo quanto se podia esperar, e a maior affirmação d'isto está na rapidez com que elle vae desaparecendo dos livreiros que o teem á venda. Lá fóra não os ha melhores n'este genero.

THEATRO DAS CHANÇAS por D. Maria Rita



THEODORO AUGUSTO PEDROSO, FALLECIDO A 11 DE NOVEMBRO DE 1883

(Segundo uma photographia de A. Fonseca & C.º)

Chiappe Cadet. É uma publicação nova, da livraria editora de *Madame Maria François Lallemand*, de que já estão publicados tres folhetos. Cada folheto contém uma comedia, um monologo ou um entreacto, tudo proprio para ser desempenhado por crianças. Achamos a ideia magnifica e felicitamos a sua auctora.

ESTUDO SOBRE A ESTABILIDADE FINANCEIRA DOS MONTEPIOS por Domingos Pinheiro Borges, tenente coronel do Estado-maior de engenharia... Lisboa, *Imprensa nacional* 1883. O sr. Pinheiro Borges que foi o primeiro que em 1857 conheceu o desequilibrio que em proximo futuro se daria no *Monte-pio geral*, e que concorreu com Daniel Augusto da Silva e outros para se adoptarem as medidas, que salvaram aquelle estabelecimento de credito da sua ruina, e o elevaram ao estado de prosperidade e estabilidade em que hoje se acha, sempre preocupado com a segurança d'estas instituições tão proficuas á humanidade, apresenta n'este seu breve mas concludente estudo as regras e meios que os monte-pios tem a seguir para conservarem a sua estabilidade. Leiam-no os gerentes d'estas associações, juntamente com os que elle e Daniel A. da Silva publicaram em 1867 e ahí encontrarão os elementos que faltam á maior parte para se saberem dirigir, conservar e prosperar.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, nouvelle revue internationale européenne por M. Le Baron Stock com-

prehende: *Le parlement français, espagnol, italien; Revue de l'extérieur; Jules Greyy, silhouette; l'art d'être heureux* por Tony Révillon; *Poème d'automne*, por Madame de Rutte; *Le monument d'Alexandre Dumas*, por Peregrine; *Batavia*, por R. Bryon; *Amour d'Hercule, nouvelle* por J. Vilmain; *Le huitième pêche capital, roman* por Madame de Rutte; *Courrier de Paris, des tribunaux; Tablettes de la finance* por Colbert; *Chronique de l'élegance*, pela viscondessa de Reneville; *Bibliographie*, e a continuação das traducções do *Primo Basilio*, d'Eça de Queiroz, e da *Historia da origem e do estabelecimento da Inquisição* de A. Herculano.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... terceiro anno — nona serie, 1883, *David Corazzi, editor, Empreza horas romanticas...* *Administração: 40, R. da Alameda, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* É o n.º 66 e trata da *Mechanica*, illustrada com 27 gravuras. É caso muito serio encerrar em um pequeno folheto de 64 paginas uma sciencia tão vasta, como é a *Mechanica*, e que tem applicação a todos os usos da vida desde o emprego de uma balança e de uma alavanca até á construcção e emprego dos mais complicados machinismos. É pois muito util este resumo que comprehende as mais simples e geraes noções, que depois naturalmente serão desenvolvidas em outros tratadinhos, como se tem dado com as outras sciencias.

NICTAGINAS, pelo sr. Candido de Figueiredo — 1883, Lisboa, *Livraria Ferreira, 132, Rua Aurea, 134.* É um lindo volume de 144 paginas, mais 2 de rosto e ante-rosto e duas de indice. — Quem não conhece os versos do illustre escriptor

derramados por muitas folhas periodicas e colligidos em volumes tão apreciados por todos os que amam a boa poesia alliada ao conhecimento e bom trato da lingua? Não podemos citar, porque ou teriamos que copiar o indice ou transcrever o volume. Lemos, leremos e releteremos tão sympathico volume.

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, directores litterario-scientificos; em Portugal: Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; no Brazil: Drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero... Lisboa, *Nova Livraria Internacional, 96, Rua do Arsenal, 1883.* Comprehende este fasciculo que é o 9.º do primeiro anno, correspondente a outubro de 1883, *Theorias da arte* (conclusão) por Julio Lourenço Pinto; *Pathologia da vontade*, por Silva Telles; *Duas palavras sobre a questão colonial* por Carlos de Mello; *Tradções populares e dialecto do Brazil*, por J. Leite de Vasconcellos; *A questão da especie e o melhoramento das raças domesticas*, por Filipe de Figueiredo; *Bibliographia; Principios d'Economia politica* por J. J. Rodrigues de Freitas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.º anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal.

Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portuguezes, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos.

A parte do kalendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a côres, pintada pelo distincto scenographo MANINI, e executada na Lithographia GUEDES

UM ENYGMATA PREMIO

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42, em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empreza.

ALLEGROS E ADAGIOS

por JAYME DE SEQUIER

Um elegante volume primorosamente impresso em papel superior

500 RÉIS

Acaba de sair a publico e está á venda em casa dos editores

CAETANO ALBERTO & FARO

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Nas principaes livrarias e na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Envia-se franco de porte.